

## “Sonho” encerra Ciclo de Teatro

Tinoco dos Anjos

**SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO** (hoje e amanhã, às 16 e 21 horas, no Teatro Carlos Gomes. Preço: Cr\$ 100,00, inteira e Cr\$ 50,00, estudante. A primeira sessão é gratuita para crianças) — Peça de William Shakespeare, em montagem do Grupo Clio, encerrando o Ciclo Capixaba de Teatro, iniciado no mês passado. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Adaptação do Grupo Clio. Direção de Roberto Ibarguen. Figuirino: Veragracia. Elenco: Roberto Ibargue, Laura Lustosa, Maria Mauês, Marcos Spessimilli, Wladir Castiglioni Jr., Fermo, Márcia Ribeiro, Bele Carminatiti, Carlos Gomes, Jorge Barcelos, Ana Maria Guterres, Gerusa Ney, Giovana Pinto, Karla Gabriel, Narta Mara, Mônica Castagna.

TEATRO A TRIBUNA, 19 de fevereiro de 1981



Está sendo reprisada, até domingo, no Teatro Carlos Gomes, a peça **Sonho de Uma Noite de Verão**, montagem do Grupo Clio, sob a direção de Roberto Ibarguen, que também faz parte do elenco. No sábado e domingo, haverá duas sessões especiais, às 16 horas, com entrada franca. A censura e o espetáculo é patrocinado pelo Serviço Nacional de Teatro, SEAC, órgãos do MEC. **Sonho de Uma Noite de Verão** é o espetáculo que encerra o I Ciclo de Teatro capixaba, promoção do Departamento Estadual de Cultura, em colaboração com a Fecata.

Outros membros do grupo: Dora Brágado, Guru, Lúcia Rosetti, Maria Inês Marquês, Marly Feu, Sérgio Thompson. Patrocínio do Serviço Nacional de Teatro — SEAC-MEC.

“A palavra chave desta fantasia é sonho. Em nossa interpretação convidamos o espectador a participar de um sonho trágico e divertido. Ao parar a chuva das gotas de carnaval, Teseu e o espectador terão um sonho que envolve a magia do amor, o mundo das fadas e a criatividade teatral. Estamos em dimensões indeterminadas de espaço e de tempo, ao saber da mitologia grega temperada de carnaval. Nosso grupo apresenta um esforço de invenção e imaginação que espera comunicar o recado universal de um dos maiores poetas. Entreguem-se à imaginação, tenham paciência conosco e tenham um Sonho de Uma Noite de Verão”, é o que pede o Grupo Clio.

A TRIBUNA, sexta-feira, 20 de fevereiro de 1981

Sonho de Uma

Noite de Verão”:

como transformar

Shakespeare em

Maria Clara Machado

Existe um grande equívoco neste espetáculo, tão grande que é capaz de comprometê-lo: a incompreensão do grupo Clio quanto as regras teatrais, aos estilos e gêneros cênicos, à própria história do teatro.

Apanharam Shakespeare e o transformaram em Maria Clara Machado. E com um mérito: não demonstraram ter havido qualquer dificuldade nesse transplante cultural, parecendo ter sido quase um gesto casual.

Shakespeare para crianças. Aproveitaram todas as modalidades e maneirismos costumeiros a certa tendência do teatro infantil, ou seja, aquela tendência de achar que com crianças temos de falar pausadamente, explicativamente, praticamente ilustrando cada palavra com gestos correspondentes.

Portanto, fizeram um mau teatro infantil, principalmente porque falta aos componentes do grupo Clio conhecimentos básicos de interpretação: postura, dicção, análise do personagem (não confundir com análise de texto, coisa inteiramente diversa) criação do personagem e, na maioria dos elementos, talento.

Jorge Barcellos e Laura Lustosa — ele advindo do último curso de interpretação e ela da ex-Escola de Teatro da Fundação Cultural — já haviam demonstrado antes suas potencialidades. Portanto, a grata surpresa fica por conta de um ator que está homenageando o próprio teatro onde representou: Carlos Gomes, que, nos papéis de Bunda e Plamo, demonstra — apesar de certos desacertos e exageros — dotes indispensáveis à interpretação cômica, na linha de Oscarito, Ankito e atualmente Olnei Cazarré.

Os demais elementos do grupo simplesmente não existem, ora desaparecendo nas próprias palavras engolidas, ora sumindo no desespero de não saber onde colocar as mãos.

Entretanto, são todos iniciantes e amadores, o que no Espírito Santo significa no mínimo despreparo teórico e desconhecimento praticamente total das intenções próprias de se subir num palco. Dá os corpos balançando, as mãos coçando a cintura procurando um bolso ou uma bolsa, os olhos inquietos percorrendo a platéia (sempre invisível por trás dos refletores), a desesperada ansia de falar rapidamente o texto e se safar daquela situação que, se conhecida antes, jamais teria acontecido.

Mas o grande equívoco está verdadeiramente na encenação: querer montar Shakespeare de uma maneira que **alguma-calsa-lá-no-fundo-de-uma-memória-cultural** diz ser com passos duros e esticados, roupas parecendo gregas, gestos empostados e pronúncia declarada. Essas coisas não existem mais! Um grupo que pretende representar uma peça de época, necessita conhecer a época — ou então apresenta um espetáculo livre dessas antiquadas maneiras de achar que a eternidade de um texto, sua atualidade, está na maneira de andar, dizer as falas ou se vestir! Ah, o grande erro dessa montagem de **Sonho De Uma Noite de Verão** pelo grupo Clio.